

## editorial

Esta é a última edição da Folha no ano de 2000. Agradecemos a contribuição de tantas pessoas com seus artigos, assinaturas e palavras de apoio e incentivo. Este foi um ano de muito trabalho e muitas conquistas cujas impressões fomos partilhando com vocês.

A Marcha Mundial nos fez refletir sobre a ordem econômica que intensifica a pobreza e a violência que vitima as mulheres. Nos ocupamos da construção do movimento e da teoria feminista, das novas e velhas formas de controle sobre o corpo e a vida das mulheres.

Esperamos em 2001 continuar contribuindo com o debate destas e outras questões que consideramos fundamentais para a construção de nós mulheres como sujeitos coletivos.

O clima de mobilização que nos envolveu neste ano permanece com o Fórum Social Mundial. Este será um momento privilegiado para fortalecer a articulação do movimento feminista com os demais movimentos na construção de um mundo antipatriarcal, antiracista e anti-capitalista.

A Folha retoma em fevereiro já trazendo nossa leitura do Fórum e preparando o 8 de março que tem tudo para marcado por grandes manifestações.

SOF



Cláudia Ferreira

Marcha das Margaridas, em Brasília, 10/08/2000

## As feministas e a esquerda

por Maria Lucia Silveira

Uma das contribuições das feministas à esquerda foi insistir que os movimentos, as organizações de trabalhadores e políticas não poderiam ser realmente democráticas sem envolver as mulheres e, mais do que isso, sem respeitar o movimento de mulheres como sujeito político autônomo. A incorporação das demandas das mulheres às lutas gerais da sociedade sempre foi um esforço constante das feministas de esquerda

### A herança feminista

Essa herança feminista precisa ser reafirmada atualmente nas discussões sobre a democratização do poder na elaboração de alternativas políticas de transformação da sociedade, visando resgatar o protagonismo das mulheres. Isso se evidencia nessa conjuntura em que o neoliberalismo destruiu as políticas sociais que possibilitavam às mulheres, ainda que precariamente, a vivência dos direitos sociais.

As feministas de esquerda têm atuado junto aos movimentos sociais contribuindo para a compreensão de que as desigualdades sociais e a opressão tem muitas faces, dentre as quais a de gê-

nero, que se não atacadas em suas conexões comprometem de saída a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Para as feministas de esquerda a igualdade social é fundamental e exige uma democratização radical do poder. Exatamente por isso, as demandas feministas precisam ser vistas como um alargamento e uma ampliação dos projetos alternativos de esquerda e incorporados por ela. Essa perspectiva ainda não está garantida na esquerda.

Na perspectiva de construção da igualdade, uma das questões mais relevantes, no campo do movimento de mulheres, é a necessidade de nos preo-

continuação da capa

cuparmos com o crescimento das diferenças sociais entre as mulheres.

### Resgatar o Estado e articular alternativas coletivas

Na relação com o Estado, as feministas de esquerda têm chamado a atenção para as tentativas oficiais de neutralização das políticas necessárias a uma real incorporação da dimensão de gênero. Denunciar tanto a utilização do rótulo de gênero nas políticas compensatórias ou focais dirigidas às mulheres pobres, quanto a incorporação meramente ritual de mulheres ao staff, sem lhes dar poder algum para incidir na lógica e definição das políticas.

A indicação de uma juíza para o STF – Supremo Tribunal Federal, é um exemplo de como a nomeação de uma mulher é utilizada como um troféu por parte do governo e das instituições parlamentares. Essa indicação deu o mote para uma reportagem da revista *Veja* mostrando que as mulheres venceram, pois, segundo a matéria, o fato de algumas notáveis terem chegado lá (no poder) isso supostamente indica que o feminismo já não é mais necessário. Silêncio total sobre o fato de tal juíza ter chegado lá, por derrubar ações públicas que contrariavam, por exemplo, as privatizações do governo FHC, servindo de aliada, no judiciário, às políticas de enxugamento do Estado que prejudicam o conjunto das mulheres.

Nesse sentido, a entrevista da pesquisadora inglesa Hilary Wainright à revista *Estudos Feministas* desse ano, sintetiza bem a preocupação das feministas de esquerda. Ela aponta as principais lutas e campanhas capazes de reforçar as mobilizações anti-capitalistas que começam a ganhar corpo com os questionamentos do poder absoluto do mercado e do capital financeiro, cuja responsabilidade pela miséria do mundo nesse fim de século



Ana Valim

Manifestação da Marcha em São Paulo, 17/10/2000

tem se tornado evidente.

As principais idéias de Hilary Wainright sobre a nova esquerda e a contribuição das feministas no contexto atual, são bastante claras:

1) *Desafiar o mercado.* “*Ser de esquerda significa propor uma alternativa à ditadura do mercado, desafiando diretamente as organizações do mercado global como o FMI, dizendo não e propondo alternativas locais contra as medidas que as autoridades justificam como consequência da competição global. É afirmar que existem alternativas em todos os níveis (...).*”

2) *Dar legitimidade ao Estado.* É afirmar que existem estratégias de transformação do Estado, dos meios de controlar o mercado e, de reconstruir os serviços públicos(...) Precisa ficar clara a necessidade de um Estado democrático e de uma esfera cívica democrática, criando mecanismos de democracia direta e representação democrática”.

Para Hilary, a esquerda precisa explorar e experimentar na busca de alternativas mantendo o senso de direção e as feministas podem colaborar, por terem uma visão mais crítica e distanciada dos recursos de poder. Refere-se aos vários achados do feminismo para dissolver as formas tradicionais de dominação e subordinação.

### Um feminismo a partir das lutas

A Marcha Mundial das Mulheres

propiciou um grande exercício de questionamento do poder econômico mundial e de suas políticas destrutivas. Retomou os grandes temas da esquerda expressando a vontade política das mulheres em transformar essa ordem mundial que aprofundou a pobreza e a desigualdade. Somou-se assim, de modo autônomo, às ações anticapitalistas globais que estão provocando fissuras na hegemonia neoliberal. Talvez, por isso, alguns órgãos de imprensa identificaram na Marcha Mundial um exemplo da *nova onda do feminismo*.

Algumas propostas das feministas de esquerda têm catalizado as preocupações das mulheres que se organizam nos espaços mistos e/ou a partir dos espaços cotidianos de luta, pois levam em conta que o enfrentamento concreto das desigualdades nas práticas sociais devem nortear a construção de um feminismo desde as bases e de um projeto social de transformação.

Assim, as feministas, ao focalizarem as formas de organização das mulheres nos diferentes setores sociais para resgatar o Estado, desde a luta por creches, o desemprego, a violência contra as mulheres à ausência de oportunidades de estudo e emprego para a juventude, podem, em termos próprios ao contexto das atrizes sociais, dar novo fôlego à luta feminista pela igualdade nesse novo século que se anuncia.

## Mercado e família: as duas faces da mesma moeda

por Mirian Nobre

O neoliberalismo dita que o mercado é a forma mais eficiente para o desenvolvimento econômico e social. Segundo esta visão, o Estado e suas políticas redistributivas são ineficazes, corporativistas e foco de corrupção. Portanto, não se trata somente de privatizar empresas de produção - siderúrgicas, mineradoras -, mas todos os serviços sociais, criando novos mercados.

Apesar da intensa pobreza no Brasil, a concentração de renda garante um pequeno contingente integrado ao mercado consumidor, ainda assim maior do que vários países da Europa. A educação pública sempre conviveu em nosso país com escolas particulares, muitas com subsídios e isenções fiscais. A saúde pública que nunca chegou a ser universal e integral cede cada vez mais espaço aos planos de saúde privados, também com subsídios públicos graças à isenção no imposto de renda. E agora são os planos de previdência privada que acalmam a falta de confiança da classe média na previdência social pública. Ainda mais considerando o aumento dos trabalhadores autônomos ou daqueles que tem registro em carteira com um salário bastante inferior a seu rendimento real. Enquanto parte dos ricos ganha mais dinheiro e a classe média rola dívidas, o que acontece com os pobres?

Há algum tempo os teóricos do Consenso de Washington face ao aumento da pobreza e da exclusão responderam com os planos de ajuste estrutural “humanizado”. Agora, vão mais além institucionalizando consultas à sociedade civil para conformar uma “ação estratégica de combate à pobreza”. Se o mercado não se interessa pelos pobres, o Estado deve garantir políticas focais de caráter compensatório. Para ganharem o selo de eficácia estas políticas devem mobilizar os recursos não onerosos da sociedade: ou seja, as mu-



É justo que as mulheres que fazem a Barbie ganhem somente 20 centavos por hora?

heres. O governo Fernando Henrique já admitiu que a queda nos índices de mortalidade infantil são o resultado das ações da Pastoral da Criança, chamada de “o exército de Zilda Arns”. O trabalho voluntário das mulheres para garantir o funcionamento de creches, centros de juventude, ações básicas de saúde, pode ser considerado como uma expansão de seu lugar na divisão sexual do trabalho.

A ênfase torna-se para a família como o núcleo de resistência à ferocidade do mercado. As mulheres se ocupam de manter a família unida, relacionada com parentes e vizinhos e de garantir a saúde de todos. O Programa Saúde da Família talvez seja a expressão mais acabada desta visão. E por que é tão difícil contestá-lo? Por que faz com que os profissionais se aproximem do cotidiano das pessoas? Por que virão recursos novos do Banco Mundial? O assunto é bastante polêmico. O que interessa aqui é perguntar por que, nas análises do PSF, pouco se fala sobre o pressuposto lugar da mulher na família.

Intelectuais orgânicos, lideranças de

movimentos sociais, vem debatendo um rebaixamento ideológico das esquerdas atoladas até o pescoço no pragmatismo dos resultados. Na pauta deste debate não aparece a questão da família. Não se atentam para a reprodução social e o trabalho doméstico, ou sobre o pressuposto da família como uma unidade homogênea e sem conflitos.

A ditadura do mercado se complementa com a imposição do padrão tradicional de família – pelo menos para alguns. Contraditoriamente, também se cria mercado sobre outros arranjos familiares. Muito já se falou sobre o potencial de consumo dos homossexuais ou, que o conjunto mais caro da Barbie é o da boneca divorciada (um apartamento completo para a Barbie e outro para o Ken). Porém, as práticas sociais que se aproximam da norma têm se tornado cada vez mais correntes: casamento na igreja, baile de debutante,...

O feminismo, o socialismo e o anarquismo já revelaram qual o papel da família na manutenção da ordem dominante e na opressão das mulheres. Um olhar crítico sobre a família está na ordem do dia e agora ainda mais escancarado pelo utilitarismo neoliberal.

## Romance denuncia o vício hipnótico do consumo

por Maria Lucia Silveira

Quando lemos o pequeno romance de estréia de Simone Campos, uma jovem de 17 anos, uma das coisas que nos vem à cabeça é a sensação de que há uma luz no fim do túnel.

Assim, em *No shopping*, entramos numa atmosfera viciosa do consumo que a autora nos vai enredando a partir de dentro da vivência do templo do consumo: o shopping, que parece ser o endereço obrigatório das/dos adolescentes sem destino. Com ironia e sem piedade seu estilo parece colocar pra fora, num vômito, a crítica imanente à overdose que o capitalismo globalizado provoca no grupo de jovens amigos.

Aqui vai um *flash* de sua narrativa desconcertante: “*Sábado era dia sem descanso para os burgueses que vendem e para os que compram. Estes, indianamente perfilados sofriam no estacionamento, na cabine das lojas, na hora de pagar, arrastando-se pelo deserto refrigerado/ Yuri tinha que escolher um dos dois para beber o resto da vida: coca-cola ou água. Pensou que beber somente refrigerante poderia fazer mal e escolheu água. Aos poucos morreu de tédio*”.



Seu estilo evidencia as percepções da linguagem de seu tempo: colagem, recursos gráficos, hipertexto, livre associação de idéias. Tudo isso naturalmente a serviço da expressão do cotidiano das adolescentes: “*Juliana sistematizada hipnotizada teletelizada*”.

A epígrafe do romance já diz muito: *Queime este livro*. Para não falar no final, ficamos com uma das alternativas que os editores dizem ser possível vislumbrar ao término da leitura: “Você pode sair com uma trêmula esperança no futuro. O que é bom”.

FICHA TÉCNICA

*No Shopping*

AUTORA: Simone Campos

Editora 7 Letras, 72 pgs.

Rio de Janeiro, 2000

## o que rola

### Mulheres transformando a economia

A Rede Latino-americana Mulheres Transformando a Economia reúne grupos de mulheres da Bolívia, Colômbia, Chile, México, Nicarágua, Peru, Equador e agora se inicia no Brasil com o contato da SOF.

A Rede se formou em 1997 como resposta aos impactos da política econômica e dos programas de ajuste estrutural implantados nestes países.

A Rede promove campanhas e elabora propostas em nível nacional e internacional para o fortalecimento das mulheres afetadas pelas reformas econômicas neoliberais visando construir uma política de desenvolvimento com justiça e reconhecimento dos direitos econômicos das mulheres.

Mulheres dos grupos que pertencem à Rede estarão participando do Fórum Social Mundial que acontece de 25 a 30 de janeiro de 2001, em Porto Alegre. Estaremos aproveitando para realizar uma reunião de apresentação da Rede durante o Fórum.

nº19 dezembro de 2000 ISSN 1516-8042

#### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

#### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria

**Editora:** Maria Lucia Silveira

**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa

**Diagramação:** Márcia Helena Ramos

**Fotolito:** Forma 3

**Impressão:** RWC Artes Gráficas

**Tiragem:** 1000 exemplares

**Número avulso:** R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
05417-080 – São Paulo – SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

## próximos números

• O TRABALHO DOMÉSTICO,  
A Participação das Mulheres no  
Fórum Social Mundial